



Fotografia *Pinhole* – Real e Fascinante¹

Vinícius FERREIRA²

Anelore SPIEKER³

Centro Universitário Metodista do Sul - IPA, Porto Alegre, RS

Resumo

Este trabalho teve como objetivo desenvolver a capacidade visual-artística dos alunos, em que deveríamos escolher um música de identificação própria. A partir dos sentimentos e ímpeto que essa música gerasse em nós. Tivemos que capturar imagens que servissem de interpretações subjetivas da música. Desta forma, o nosso olhar sobre o mundo seria revelado e exposto através de imagens geradas a partir de uma inspiração de áudio. Este meu trabalho foi desenvolvido por meio de câmeras escuras (*Pinhole*), também conhecidas como câmera estenopéica. As imagens feitas com *pinhole* são capazes de despertar um novo modelo fotográfico deslocando o modo de apresentação.

Palavras-chave

(1) Fotografia; (2) Câmera Estenopéica; (3) Construção de Câmera Pinhole.

¹ Trabalho para ser apresentado no Expocom, na Divisão Temática de Áreas Emergentes e Produção Transdisciplinar em Comunicação, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul em Blumenau/SC.

² Estudante do 6º Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Metodista do Sul – IPA – bentocla@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Mestre (UFRGS), publicitária formada pela ESPM/RS, fotógrafa desde 2001. Membro da ARFOC/RS - Professora do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Metodista do Sul – IPA – anelore.spieker@gmail.com



Fotografia *Pinhole* – Real e Fascinante⁴

A câmera

A fotografia *pinhole*⁵ surge como um processo alternativo sem a necessidade do uso de equipamentos convencionais. Uma câmara de *pinhole* pode ser construída artesanalmente, utilizando-se materiais simples e reciclados. Muitas podem ser as opções para a construção de uma câmara *pinhole*, variando desde uma simples caixa de fósforos à construção sofisticada em boa madeira, passando pela adaptação de uma câmara de 35mm ou de uma de grande formato.

A fotografia *pinhole* consiste na utilização de câmeras sem lentes, que através do princípio da câmera escura, permite a obtenção de imagens de uma maneira bastante simplificada. Essa técnica buraco de alfinete em português permite que se transforme qualquer recipiente vedado da entrada da luz em uma câmera fotográfica, regulando a sua passagem através de um pequeno orifício feito com uma agulha. Após uma oficina em que eu participei em Natal/RN eu mesmo construí minha própria câmera fotográfica a partir de uma lata de achocolatado, transformando sucata em artefatos de construção de imagens, participando do processo fotográfico como um todo até a revelação de cópias no meu banheiro, desenvolvendo outra relação com o ato de fotografar.

Este caráter simplório e despojado da *pinhole* é uma das principais características da técnica, ao mesmo tempo essa particularidade é aquilo que torna a *pinhole* complexa.

A construção da câmera não é apenas uma tentativa de dominar o aparelho, mas uma fase, das mais importantes, da fotografia *pinhole*. Jochen Dietrich afirma que “o sistema é tão simples que uma criança é capaz de fazer uma máquina em meia hora” (DIETRICH, 2000). Isso possibilita uma individualidade do aparelho em detrimento de sua standardização. Mesmo que existam câmeras *pinhole* fabricadas em série (RENNER, 2000).

⁴ Esse trabalho “Fotografia *Pinhole* – Real e Fascinante” foi desenvolvido na disciplina de Fotografia Publicitária I, em 2008/2 no Centro Universitário Metodista do Sul – IPA.

⁵ *Pinholes* são fotografias produzidas sem o tradicional aparato tecnológico que envolve o fazer fotográfico, utilizando-se apenas de um ambiente escuro com um furo numa extremidade e um material sendo utilizado para se referir ao espaço por onde a luz passa (do inglês pin-agulha; hole-furo); ao tipo específico de técnica fotográfica artesanal; ou às fotografias já produzidas.



Sem objetivas

Se qualquer ambiente oco e vedado pode ser transformado em uma câmera, o lugar da visão deixa de ser o olho e invade outros espaços. Por isso, a câmera está fora do corpo.

Não é mais uma extensão da visão, mas uma visão própria, o que demanda um diálogo do fotógrafo com o aparelho, e não mais somente uma indução deste por aquele.

Além disso, o aparelho *pinhole* possui uma gama de possibilidades que não podem ser determinadas, o que resulta numa fotografia com elementos não previstos: traços de luz, anomalias cromáticas, deformações inesperadas, zonas de sombras densas e etc. Dentre as supressas está até a ausência total de imagem. A não imagem na *pinhole* também é produtiva, pois como cada fotografia é resultado de uma construção individual, a experiência do fracasso é extremamente importante na continuidade do trabalho fracasso que quase desaparece com as modernas fotografias digitais, nas quais o que não tem “beleza” é deletado imediatamente após a captura da imagem.

As imagens do acaso

Pela forma lenta como as imagens são capturadas e pela alteração da relação com o entorno, a *pinhole* também entra no campo da imprecisão. É comum exposições de horas para a obtenção de uma fotografia com a *pinhole*, fato que torna mais propenso a intervenções não previstas na imagem, tais como a movimentação de um objeto, a aparição de outros, o desaparecimento de pessoas. A captura daquilo que não faz parte do universo do fotógrafo se torna evidente. O tempo da exposição é ampliado ao máximo. Percebe-se uma relação intensa entre o objeto e o material sensível. Essa intensidade nada tem a ver com o “click” de uma câmera, a não ser pela função de obturador de ambos os mecanismos.

À medida que as câmeras fotográficas se tornam cada vez mais sofisticadas, automáticas e precisas, alguns fotógrafos veem-se tentados a desarmar-se ou a sugerir que não estão efetivamente armados e preferem submeter-se aos limites impostos pela tecnologia pré-moderna da câmera na suposição de que uma máquina fotográfica mais tosca e de menos potência será capaz de produzir resultados interessantes e expressivos, deixando mais espaço para o acidente criativo (SONTAG, 1981).

Construção da *Pinhole*

Neste trabalho de fotografia tínhamos que escolher uma letra de música e fotografar imagens que remete-se a música. No meu caso eu escolhi a música “Porto Alegre é Demais” de autoria do atual Prefeito de Porto Alegre/RS José Fogaça. Após a escolha da música resolvi desenvolver um trabalho diferenciado, e não fotografar com uma câmera digital comum, e sim fabricar a minha própria câmera, e fotografar no estilo *pinhole*. Neste caso, o recipiente escolhido foi uma lata de achocolatado de alumínio de 400 gramas. O primeiro passo é transformar esta lata numa câmera escura. Para isso foi necessário escolher uma lata com tampa que vede o interior da mesma. Com um *Spray* na cor preto fosco, pintou-se o interior da lata (câmara), inclusive a tampa. Com um prego fiz um furo num dos lados da lata, logo após lixei as pequenas rebarbas que o prego deixou, coloquei um pedaço de papel alumínio sobre o furo do prego, e coleí com fita isolante, isto tudo para facilitar a perfuração de um orifício menor, que tem que ser feito com uma agulha, para uma melhor precisão da captura da imagem.

Com o auxílio de uma agulha, foi feito um pequeno orifício em cima do papel alumínio da lata (câmara). O diâmetro foi o menor possível (para obter a mesma função do diafragma). Verificou-se então se não havia nenhum outro ponto por onde pudesse entrar luminosidade externa além do orifício já feito.

A seguir, colocou-se um pedaço de fita isolante preta sobre o furo da agulha para servir como dispositivo de controle da entrada de luz no interior da câmera (para obter a mesma função do obturador). Deste modo, obteve-se uma câmera *pinhole* pronta para o carregamento com papel-filme. Com o material usado dentro da câmera (o filme que originou o negativo), é necessário tomar cuidado na hora do manuseio, pois este material é muito sensível a luz.

Deste modo, o carregamento da câmera foi feito em um local seguro e escuro (meu banheiro), que evite a revelação do papel filme. Utilizou-se papel fotográfico para preto e branco com baixa sensibilidade.

Fixei o papel-filme na parede interna da câmera, centralizando-o na frente do orifício da agulha e no banheiro utilizei uma lâmpada de segurança vermelha incandescente de 20 watts, logo após vedei a lata. Obteve-se assim a câmera *pinhole* pronta para uso. Para que conseguíssemos fotografar com a câmera construída, foram

necessárias três tentativas com diversos tempos de exposições diferentes, consegui acertar com uma exposição de trinta e um segundos. No momento da tomada da foto, a câmera esteve apoiada sob uma base firme, para evitar que se obtivesse como resultado uma imagem tremida. Com este procedimento, atingiu -se um resultado satisfatório.

A revelação foi feita em *Dektol*, um revelador em pó usado em fotografias (de fácil dissolução, o *Dektol* produz tom neutro em papéis fotográficos e não apresenta resíduos, precipitação ou descoloração) por 90 segundos, sendo posteriormente feita um mergulho no *stop* (Ácido Acético) por 40 segundos para limpar os resíduos da aplicação anterior, então foi colocado no fixador por 5 minutos, em seguida colocamos em água corrente para limpar os resíduos dos produtos químicos, depois desse banho, colocamos os negativos para secar. Após a revelação, obtive-se uma foto negativa que foi mapeada e a seguir processada no programa *Adobe Photoshop CS3*⁶. Há diversos outros programas de computador que podem ser utilizados nesta etapa. O negativo da foto corresponde à imagem original fotografada.

O resultado final foi uma foto negativa (figura 1); assim, as regiões claras da fotografia aparecem negras na foto. A distorção é equivalente à de uma foto convencional, feita por lente.



Figura 1 – Foto negativa (tirada através da câmera de *pinhole*)

⁶ Adobe Photoshop CS3 simplesmente é um programa desenvolvido para edição e manipulação gráfica publicado e desenvolvido pela Adobe. É o atual líder e principal no mercado de bitmap. Tem sido descrito como “um padrão da indústria para gráficos profissionais”.

A figura 2, obtida após processamento da foto mapeada no computador, é o negativo da figura 1, e representa a reconstituição da imagem fotografada.



Figura 2 – Foto positiva (obtida após processamento no computador)

Observe-se que, para a obtenção de uma boa imagem, o tamanho do orifício na câmera escura deve ser o menor possível, com um diâmetro muito pequeno; isto é essencial para a definição focal e a nitidez da imagem. Também é importante observar que quanto maior a câmera, ou quanto maior a distância do orifício ao papel-filme, maior deve ser o tempo de exposição. Este tempo também está relacionado com o nível de luminosidade da cena que queremos fotografar a luz tem um papel fundamental na fotografia feita por um *pinhole*. Resta observar que, como a câmera *pinhole* não possui visor, o elemento surpresa é uma característica importante da imagem fotografada.

A técnica *pinhole* carrega elementos próprios decorrentes da linguagem utilizada porque ao ser feita com uma lata, ela distorce a imagem conforme a curvatura do recipiente utilizado como câmera. A ausência de lentes causa um efeito de grande angular, que se traduz no destaque dado ao primeiro plano da imagem, e o tempo de exposição, para se obter uma imagem, aumenta significativamente.

A câmera, nesse caso, não é levada ao olho para enquadrar um objeto através do visor porque não existe esse elemento em sua constituição. O gesto torna-se outro, permitindo uma mudança na concepção sobre a técnica e o ato de fotografar, pois existe uma outra performance corporal para o fotógrafo de *pinhole*. Esses elementos emergem como reflexões na troca de vivências entre os alunos, e professores, sendo expressos através dos atos de fala no fluxo da interação social.



Material utilizado

Papel fotográfico Preto e Branco da Marca *Kentmere* 18x24 - 25 folhas Brilho, lata de achocolatado com tampa, tinta *spray* preto-fosco, fita isolante preta, estilete de ponta fina ou agulha, materiais de laboratório, três banheiras de plástico, três pinças (uma para cada banho), três garrafas *PET's* de 2 Litros escuras para guardar os químicos, lâmpada de segurança vermelha de 20w, revelador de papel Dektol/Kodak, ácido acético, fixador Kodak F1.

Conclusão

A fotografia, hoje, desempenha um papel uniformizador com *seus rituais* pré-estabelecidos dos eventos que devem ser fotografados e a fotografia *pinhole* pode agir como uma forma de subjetivar essa cultura fotográfica. Subjetivar a imagem, reintegrando o ato fotográfico como mediador da relação do sujeito com o mundo, afirmando a sua capacidade construtora de imagens e seu potencial interpretativo de realidades.

Estetizando o mundo para refletir sobre ele, afinal uma fotografia com linguagem diferenciada desperta o questionamento sobre o quê e como fotografar em uma forma de ação consciente. Possibilita narrar, através do ato fotográfico, não aquilo que é visível, mas o que pode se interpretar a partir dele. A fotografia *pinhole* apresenta uma outra consciência do fazer fotográfico em que as performances corporais e de fala atribuem significados a quem participa dessa experiência.

Embora as aplicações da câmara *pinhole* sejam restritas pela ausência de visor na câmara, meu trabalho permite concluir que o método descrito é uma forma alternativa válida para a obtenção de imagens fotográficas, apresentando como principais vantagens o emprego de materiais rústicos, reciclados e, conseqüentemente de baixo custo.



Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: _____. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura (Obras Escolhidas, volume 1, 7ª edição). São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIETRICH, J. Câmara Obscura: Convidando o Mundo a Falar. In: SOUZA, Solange Jobim e. Mosaico: Imagens do Conhecimento. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

RENNER, E. Pinhole Photography: Rediscovering a Historic Technique. 2ª edição. Boston e Londres: Focal Press, 2000.

SONTAG, S. Ensaios sobre a Fotografia. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

GOVEIA, Fábio. Dissertação sobre minha Pinhole, 2008. Disponível em: <http://da-fotografia.blogspot.com/2008/03/dissertao-sobre-pinhole-fbio-goveia.html> Acesso em 1º de Abr. 2009.

GOVEIA, Fábio. A subjetividade na fotografia pinhole, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1753-1.pdf> Acesso em 2º de Abr. 2009.